

#cm

2

TERÇA-FEIRA



Pérola da filmografia de Michel Gondry chega ao streaming

PÁGINA 5



A autoridade de Posada ressurge em novo álbum

PÁGINA 6



Marlene Almeida expõe sus telas com tintas vindas da terra

PÁGINA 8



Os tapumes da reforma do Museu Nacional de Belas Artes agora abrigam a exposição 'Bela Moderna Contemporânea'

Fechado, mas nem tanto

Em obras desde 2020, o **Museu Nacional de Belas Artes** se reencontra com sua vocação de **garantir acesso da população à arte**. O cinza dos tampumes que cercam o belo edifício da instituição se transformam em **galeria a céu aberto** com a exposição **‘Bela Moderna Contemporânea’**. É só chegar e apreciar, a qualquer hora. **PÁGINA 2**

Divulgação MNBA

Tapumes que espalham arte pela cidade

Museu inaugura exposição a céu aberto durante reforma e reafirma compromisso com democratização do acesso à arte



AFFONSO NUNES

Mesmo de portas fechadas para restauração, o Museu Nacional de Belas Artes encontrou um caminho criativo para manter viva sua vocação pública: transformar os tapumes que cercam seu edifício histórico em suporte para uma exposição. A mostra “Bela Moderna Contemporânea” ocupa o perímetro externo do prédio na Avenida Rio Branco e converte o canteiro de obras em galeria temporária a céu aberto, acessível gratuitamente a qualquer pessoa.

Detalhes de obras expostas nos tapumes que cercam o edifício do museu durante a reforma

A exposição integra o projeto “Um Olhar pela Fechadura”, desenvolvido pelo MNBA durante o período de restauração, e marca uma fase na relação museu-público. Se antes o programa oferecia visitas pontuais a espaços internos reabertos temporariamente, inserindo a experiência de fruição artística no ritmo da cidade e seu cotidiano.

Idealizada pelos curadores Greice Rosa e Marco Antonio Portela em parceria com a equipe do museu, a mostra reúne 53 artis-



tas de diferentes regiões do Brasil, mesclando nomes já consolidados no circuito da arte contemporânea com criadores que têm pouca circulação institucional. Entre os participantes estão Rogério Reis, Vicente de Mello, Marcos Bonisson, Edu Monteiro, José Diniz, Mayra Rodrigues e André Sheik, entre outros.

As obras expostas — que incluem fotografia, pintura, desenho e experimentações visuais diversas — foram especialmente adaptadas para o formato lambe-lambe, técnica que permite a aplicação direta dos trabalhos sobre superfícies urbanas.

Os artistas participaram de uma residência no MNBA, vivenciando de dentro as transformações físicas e simbólicas trazidas pela restauração do edifício. Esse processo de imersão permitiu que as obras refletissem sobre questões centrais para o debate museológico contemporâneo: qual o papel dos museus no século XXI? Como essas instituições podem ampliar seu alcance para além dos públicos já iniciados? De que forma a arquitetura e a localização dos equipamentos culturais facilitam ou dificultam o acesso democrático à arte? As respostas visuais a essas perguntas agora ocupam os tapumes e dialogam diretamente com quem passa pela Rio Branco, seja a caminho do trabalho, do transporte público ou simplesmente atravessando o Centro.

Ao levar arte para a rua, sem mediações, controle de entrada, restrições de horários restritivos, o MNBA rompe a lógica de aguardar passivamente a conclusão das obras para retomar suas atividades. Ganham a instituição, os artistas envolvidos e a cidade com um todo.

SERVIÇO

BELA MODERNA CONTEMPORÂNEA

Tapumes do Museu Nacional de Belas Artes (Avenida Rio Branco, 199 – Centro)
Grátis

ENTREVISTA | **MOISÉS LIPORAGE**

ANALISTA DE CONTEÚDO DO GLOBOPLAY, CRÍTICO DE CINEMA E ESCRITOR

‘Tudo aparece na minha cabeça como fragmentos de filmes’

RODRIGO FONSECA | Especial para o Correio da Manhã

De braços dados com a tela grande não apenas na transmissão de filmes, mas também com a cobertura jornalística do que sai dos sets, a televisão presenteou a gente com alguns oráculos da cultura cinéfila: Rubens Ewald Filho, Wilson Cunha, Renata Boldrini, Celso Sabadin, Anne B. Santiago. Nessa patota aí, responsável por alfabetizar o país nas cartilhas fílmicas, tem um camarada que comemora 35 anos de serviços prestados ao audiovisual em 2025 e faz sua festa em forma de livro: Moisés Liporage. Nesta quarta-feira, às 18h30, no Estação NET Rio, ele lança “O Além é Logo Ali” (Ed. Patuá), uma coletânea de narrativas horroíficas, mas cheias de humanismo – como é típico dele.

Especialista de Conteúdo no Globoplay, Liporage passou 16 de seus 59 anos na Rede Telecine, ensinando o Brasil a amar a arte de contar histórias com imagens em movimento a partir de um trabalho como apresentador e crítico. Comentava não apenas os lançamentos do canal, mas também os clássicos que fizeram o mundo transcender a partir das telas, de Murnau a Spike Lee, de Agnès Varda a “O Som ao Redor” (2012). À sua fala melíflua e segura (qual um samurai de katana na mão, como os espadachins de Akira Kurosawa que já citou no passado), ele acrescenta uma escrita leve, onde sujeitos e predicados dançam nos embalos gramaticais da precisão que adquiriu escrevendo na extinta revista “Cinemin”, em 1990. Em paralelo a esse periódico e à TV, ficou de prosa com a poética na literatura, e publicou “Coisas de Homem” (1996), “O Gato Subiu no Telhado” (2008), “Carniça” (2010), “Tem um Morcego no Meu Pombal” (2012) e “O Olho da Rua” (2016).

“O Além é Logo Ali” tem sapo seco, farofa amarela, garganta de gato, carne de urubu, amor e outros objetos pontiagudos, que ele afia no papo a seguir.

Depois do seu morcego pimpão, o que seu novo mergulho nas veredas das “assombrações” revela sobre o universo do terror, do terrir, do medo, da finitude e de você mesmo?

Moisés Liporage - Adorei “morcego pimpão”, referência a “Tem um Morcego no Meu Pombal”, um livro meu para o público infantil. Esse agora, “O Além é Logo Ali”, é para o público adulto. Na verdade, é uma peça de teatro inédita, estruturada em cenas estanques, cada uma com uma historinha diferente. Como uma antologia. Minha inspiração principal foi a série “Além da Imaginação”, criada pelo Rod Serling. São histórias que transitam pelo terror, o horror e o humor macabro.

O que a gente encontra nelas?

Traz pessoas comuns em si-

tuações extraordinárias e monstros clássicos tirados de seus contextos góticos e colocados em situações inusitadas. Por exemplo, “Fla x Flu” mostra um tricolor que sobreviveu à queda de um helicóptero no meio de uma região desértica e se vê lutando para não virar a refeição de um urubu. “O Teste” imagina se cada alma que fosse nascer precisasse se submeter a uma audição, como um ator ou atriz tentando conquistar a chance de encarnar um personagem. “A Saideira” é sobre um sujeito muito ansioso que, para o bem ou para o mal, agarra a oportunidade de saber quando vai morrer. Em “O Regresso”, um rapaz escapa por milagre de um terrível acidente de carro, mas tromba em um destino ainda mais sinistro. Já “Ele é o Bicho” apresenta o caso de uma jovem que descobre da maneira mais inusitada por que seu namorado simplesmente some nas noites de



Divulgação

“‘O Além é Logo Ali’ é para o público adulto. Na verdade, é uma peça de teatro inédita, estruturada em cenas estanques, cada uma com uma historinha diferente”

“Levo comigo, como razões para viver, livros do Rubem Fonseca, Stephen King, Kurt Vonnegut, Machado de Assis, Kafka, Patricia Highsmith... e por aí vai”

Lua Cheia. Tem também “No Escuro do Meu Quarto”, cena que se concentra na angústia de uma mulher que mora sozinha e acorda à noite sem coragem de abrir os olhos, com medo do que pode ver ao lado de sua cama. E “Que Horror!” acontece durante a gravação de um episódio do videocast apresentado pelo Dr. Henry Jekyll, de “O Médico e o Monstro”, que recebe como convidados o Conde Drácula e a criatura de Frankenstein.

Você é uma voz de referência histórica na TV na cobertura da evolução cinematográfica. O que tem de cinema nesse livro?

Tem cinema na construção do imaginário que deu origem às cenas. De alguma forma, várias versões de “Drácula”, “Frankenstein”, “O Médico e o Monstro” e “O Lobisomem” estão ali presentes, liquidificadas, amalgamadas. E na cena “O Teste”, faço referência direta ao filme “O Homem que Odiava as Mulheres” (1968), que traz uma interpretação incrível do Tony Curtis na pele do psicopata Albert DeSalvo, que ficou conhecido como o Estrangulador de Boston.

De que maneira a sua vivência na reportagem cinematográfica molda a sua forma de formatar a literatura?

Para mim, as imagens surgem antes das palavras. Personagens, situações, ações. Depois que esses elementos vão surgindo, eu vou tentando organizá-los em palavras. Mas tudo aparece na minha cabeça como fragmentos de filmes.

Qual foi o filme que te fez amar os filmes e qual foi o livro que te faz amar os livros?

Quanto aos filmes, na infância, foi “O Calhambeque Mágico” (1968). Já no início da adolescência, foi “Muito Além do Jardim” (1979), com Peter Sellers em uma das mais fantásticas interpretações que vi no cinema. E na seara dos livros, “Para Gostar de Ler”, uma coletânea de crônicas escritas por Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade. Este eu li no início da adolescência e fez com que me apaixonasse pela literatura como leitor e ainda me fez ter a gana de escrever. E levo comigo, como razões para viver, livros do Rubem Fonseca, Stephen King, Kurt Vonnegut, Machado de Assis, Kafka, Patricia Highsmith... e por aí vai.

CORREIO CULTURAL

Da Redação



Divulgação/Governo de SP

A mdia de visitação ao museu vem se mantendo alta

Museu do Ipiranga repleto de visitantes

O Museu do Ipiranga, oficialmente denominado Museu Paulista da Universidade de São Paulo, atingiu a expressiva marca de 2 milhões de visitantes desde sua reabertura, ocorrida em setembro de 2022. O número consolida a instituição como um dos principais equipamentos culturais do Brasil e reforça sua relevância como espaço de produção de conhecimento, debate público e reflexão crítica sobre a história nacional a partir de temas contemporâneos. Para celebrar o marco, o museu preparou uma programação especial ao longo do mês, com destaque para atividades gratuitas abertas ao público. A iniciativa busca ampliar o diálogo entre patrimônio histórico e expressões artísticas, aproximando diferentes públicos do espaço.

Formação original

O Barão Vermelho anunciou dois shows da turnê de reencontro da formação original da banda, com Roberto Frejat nos vocais, Guto Goffi na bateria, Maurício Barros nos teclados e Dé Palmeira no baixo. Além disso, haverá participação de Ney Matogrosso nos shows em São Paulo e no Rio de Janeiro. Por ora, foram anunciadas duas datas de “Barão Vermelho Encontro - Pro Mundo Inteiro Acordar” - 30 de abril, na Farmasi Arena, no Rio, e 23 de maio, no Allianz Parque, em São Paulo. A pré-venda já começou.

Cantos de natal

Um destaque da temporada natalina da Associação de Canto Coral ACC é a estreia nacional de “Canta Navidad”, cantata de autoria do compositor e arranjador brasileiro Jean KleeB, radicado na Alemanha, que será apresentada neta terça-feira (16) no Teatro Grajaú, às 19h.

Cantos de natal II

Vivendo na Alemanha desde 1991, Jean KleeB dedica-se ao diálogo musical que funde a tradição de canto coral europeia com ritmos e melodias de diferentes partes do mundo. Em “Canta Navidad”, ele arranja 14 canções folclóricas e tradicionais de países latino-americanos.

Diretor Rob Reiner é achado morto

O diretor Rob Reiner e sua esposa, Michele, foram encontrados mortos com ferimentos provocados por arma branca. A polícia investiga o caso como homicídio. Reiner alcançou a fama como ator na série “All in the Family”. Dirigiu e atuou na comédia romântica “Harry e Sally”. Entre seus maiores sucessos também estão “Conta Comigo” (1986) e “Questão de Honra” (1992).



Divulgação



Noélia Najera/Divulgação

Jhonny Salaberg (deitado) assina a dramaturgia e atua na montagem: ‘A leveza também é uma forma de resistir, lutar e contar nossas histórias de outra maneira’

Realismo fantástico contra balas reais

Espetáculo ‘Buraquinhos’ aborda o genocídio da juventude negra, mas faz da tragédia um estudo de poesia cênica

Um menino corre. Atrás dele, uma bala que nunca erra o alvo quando esse alvo tem a pele preta. A cena poderia ser mais uma entre as incontáveis notícias que atravessam o noticiário, mas em “Buraquinhos ou O Vento é Inimigo do Picumã” essa brutalidade cotidiana é tratada sob o viés do realismo fantástico. O espetáculo, em cartaz no Teatro Cacilda Becker após sete anos em cartaz em São Paulo, escolheu a leveza como arma contra o peso insuportável de uma estatística: a cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil.

Jhonny Salaberg, responsável pela idealização e dramaturgia da montagem, conta que que construiu o texto a partir do conceito de Leveza proposto pelo escritor italiano Ítalo Calvino em “Seis propostas para o próximo milênio”. Para Calvino, buscar a leveza é reagir ao peso do viver. “É por meio do lúdico, da leveza que falamos da importância de resistir. O fantástico existe não para maquiagem a questão, mas para mostrar o absurdo e o trágico da

própria vida. A ideia é convidar o público a sentir essa ferida, a olhar para o tema com a atenção e o tempo que ele merece”, explica o dramaturgo.

Em cena, Ailton de Barros, Filipe Celestino e o próprio Salaberg conduzem essa travessia simbólica onde real e imaginário se fundem. A narrativa épica acompanha a fuga de um jovem negro na persistência em sobreviver numa sociedade que mira sempre no mesmo alvo. “A leveza também é uma forma de denunciar, de resistir, de lutar, de contar as nossas histórias de uma outra maneira, de resgatar nossas subjetividades e singularidades”, destaca o dramaturgo.

Em “Buraquinhos” o que parece apenas estatísticas se torna humanidade para esses corpos negros. A escolha pela linguagem poética, no entanto, não ameniza ou mascara a denúncia do genocídio da juventude negra periférica, mas redimensiona a frieza dos números com alguns questionamentos: como falar sobre a morte e ainda assim afirmar a vida? Como ressignificar o noticiário?

Escrita em 2016, a obra permanece dolorosamente atual, mas Salaberg prefere olhar para o futuro com esperança: “Pensando lá na frente, quero que essa obra seja sobre algo que passou. Que a gente olhe para ela como um rastro da história”, reflete. Enquanto esse futuro não chega, o espetáculo segue lotando plateias e conquistando reconhecimento crítico. São dez prêmios acumulados nas principais premiações do teatro brasileiro, incluindo APCA, Aplauso Brasil e Prêmio da Folha de S. Paulo.

Entre as conquistas, destaca-se o APCA de Melhor Direção para Naruna Costa, que fez história ao se tornar a primeira mulher negra a receber o prêmio nessa categoria. Para a diretora, o reconhecimento é importante, mas também revelador das estruturas excludentes do teatro brasileiro. “Em mais de 30 anos do prêmio, o não reconhecimento ao trabalho de diretoras negras diz muito sobre a falta de percepção sobre essas criações. Faço teatro há mais de 20 anos no Grupo Clariô, na região periférica de São Paulo, mas meu nome só foi reconhecido quando eu passei a fazer um trabalho na região central”, observa Naruna.

A temporada carioca vai até 21 de dezembro, com ingressos gratuitos. Paralelamente, Salaberg conduzirá a oficina “A escrita entre o voo e o abismo”, nesta quarta e quinta-feiras (17 e 18), das 10h às 13h, também no Teatro Cacilda Becker. A atividade, destinada a 15 alunos, propõe experimentação dramatúrgica sobre narrativas que permeiam situações de abismo. Inscrições pelo link <https://11nk.dev/QY7Ym>

SERVIÇO
BURAQUINHOS OU O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ
Teatro Cacilda Becker (Rua do Catete, 338)
Até 21/12, sexta e sábado (19h) e domingo (18h) | Entrada franca



Divulgação
Laureado com o Oscar de Melhor Roteiro, 'Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças' é um tratado do amor ultrarromântico

'Brilho Eterno' chega à maturidade

MUBI resgata a história de amor sci-fi estrelada por Kate Winslet e Jim Carrey que fez de Michel Gondry um cineasta cult, egresso de uma fase dedicada a videoclipes de prestígio

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Correndo mundo com o longa-metragem de animação "Maya, Me Dê Um Título", que lhe valeu o troféu Urso de Cristal na última Berlinale, o francês Michel Gondry pode voltar ao festival alemão, em fevereiro de 2026, com uma ficção musical chamada "Golden". O longa-metragem se inspira em memórias do músico Pharrell Williams de sua infância em Venice Beach, entre os anos 1970 e 80. A argamassa desse projeto com a Da'Vine Joy Randolph, Janelle Monáe e Tim Meadows, é a recordação, tema que o cineasta domina como poucos, a se destacar o filme que, a um só tempo, é seu maior sucesso e seu grande fardo: "Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças" (2004). Recém-chegado à maturidade, esse cult, coroado com o Oscar de Melhor Roteiro, acaba de estreitar na grade da plataforma MUBI.

Ele dividiu águas para Gondry.

"Venho do videoclipe. Quando a gente fazia filmes musicais, no passado, havia televisão. As pessoas tinham o hábito de parar por horas... uma hora que fosse... para ver os filmes que fazíamos para músicas que viraram hit com a preocupação de não deixar a forma plástica daquelas narrativas ultrapassar a beleza da história narrada nas letras. Hoje, as pessoas assistem a clipes no YouTube, como querem. Não tem mais espaço pra reverenciarem as tramas que poderiam ser montadas a partir de canções. Já 'Brilho Eterno...' foi muito importante. Ele me ensinou que o problema de um artista é você reverter um fracasso, não, um sucesso que se sustenta por tanto tempo. O que existe é um desafio para que eu faça um filme mais falado do que ele", disse Gondry, ao Correio da Manhã, na Berlinale, sem deixar para trás a evocação de seu passado na Era MTV com clipes sublimes como "Human Behaviour", com Björk.

Já no www.mubi.com, "Brilho Eterno De Uma Mente Sem



Rodrigo Fonseca

“'Brilho Eterno...' foi muito importante. Ele me ensinou que o problema de um artista é você reverter um fracasso, não, um sucesso que se sustenta por tanto tempo"**”**

MICHEL GONDRY

Lembranças" narra o amor bem embolado do cartesiano desenhista Joel Barrish pela serelepe livreira Clementine Kruczynski, tendo Montauk como plataforma de um "vou de volta" de querer. Com um faturamento estimado em US\$ 74 milhões, a produção de US\$ 20 milhões repaginou o talento dramático de Jim Carrey (Barrish) e deu a Kate Winslet o papel mais pop de sua carreira depois de todo o seu êxito como Rose, em "Titanic" (1997).

Batizada a partir de um trecho da epístola "De Heloísa para Abelardo", escrito em 1717 por Alexandre Pope (1688-1744), "Eternal Sunshine Of The Spotless Mind" transformou a canção "Everybody's Gotta Learn Sometime", do Beck, num ícone do cancionário cortapulso dos anos 2000. Nova York foi a locação central, o que já é um mimo para o olhar, além de Nova Jersey, ambas fotografadas em cores não saturadas por Ellen Kuras.

Barrish é um ilustrador com o peito devastado pelo egoísmo alheio. Clementine é uma vendedora, que usa tinta azul no cabelo. Ela parece livre. Já ele vive todo casmurro, preso no cadafalso para a auto-depreciação. Olham-se, impressionam-se, tentam(-se), sem saber que é tudo segunda vez. Ela, cansada dos embates diários da rotina a dois, procurou a Lacuna Inc., uma empresa especializada em zerar todos os registros que temos de quem nos cansa. Ela apaga Joel, sem se importar com qualquer efeito colateral da parceria desfeita. Ele, magoado ao saber que foi deletado da cabecinha cheia de caraminholas dela, busca o mesmo tratamento, com o inventor do cacareco que apaga vivências, Dr. Howard Mierzwiak (Tom Wilkinson, monumental em cena).

Apesar dessa tentativa, como o miocárdio é um músculo que distende em dupla - no beijo da fricção com o vetor da aceleração -, o apagamento sai errado. O inconsciente maroto de Barrish quer preservar Clementine, pois a arte de gostar exige saber olhar, saber ouvir, saber esperar a zanga passar, tomar pílulas de risco e gozar de mãos dadas. E, nisso, o Acaso é rei. Dizem que o Acaso é o pseudônimo que Deus usa quando não quer levar crédito por seus acertos. Mas o crédito aqui é de Gondry, que arriscou ao apostar na ousadia... e em dois atores que se olham na matemática da troca. "Meet me in Montauk", frase trocada pelos pom-binhos Barrish e Clementine, virou um sintagma amoroso em Hollywood, celebrizando o filme e a percepção de abraço é abrigo.

"Antes de 'Brilho Eterno...', eu fiz um longa chamado 'Natureza Quase Humana', que não fez sucesso, em parte por eu não ter percebido que os personagens precisavam de mais confecção do que a forma. Era necessária mais reverência àquelas figuras sobre as quais falávamos e menos obsessão com a forma", explica Gondry. "Dali eu entendi o que deveria tentar fazer nos filmes seguintes. Ali eu mudei os caminhos".

Posada reúne sua potência poética em 'Vamossive'

Cantor e compositor lança novo álbum, o primeiro desde 2017, e reafirma seu lugar como uma das boas novas vozes autorais da MPB

AFFONSO NUNES

Oito anos depois dos álbuns "Isabel" e "Posada e o Clã", ambos lançados em 2017, o cantor e compositor Carlos Posada retorna aos estúdios com um trabalho que marca nova fase em sua trajetória. "Vamossive", lançado em parceria criativa com o produtor Rodrigo Garcia pelo selo Porangaretê, reafirma



Posada passeia por vários estilos com desenvoltura e sempre entregando letras cativantes

firma a posição do artista como um dos nomes mais interessantes da nova cena musical brasileira.

Nascido na Suécia, filho de mãe brasileira e pai argentino, Posada foi criado em Pernambuco e hoje vive no Rio - uma trajetória que se reflete em sua música, que dialoga com referências que vão do samba e da bossa nova ao reggae e ao rock,

sempre com uma poética intimista que aborda amor, cotidiano e questões sociais.

Desde o álbum de estreia homônimo em 2013, o artista vem construindo uma obra consistente que chamou atenção de nomes como Lenine, Ana Cañas e Juliana Linhares, que já gravaram suas composições.

Seu trabalho mais recente antes de "Vamossive" foi o EP "Facção e Posada", lançado em agosto de 2023 em parceria com a banda Facção Caipira. O projeto colaborativo, com cinco faixas, nasceu de uma turnê conjunta realizada em 2020 e rendeu também o projeto ao vivo "Facção Caipira & Posada Ao Vivo no Estúdio Mata", vencedor do edi-

tal Ondas da Cultura 2023 na categoria Música.

Em "Vamossive", gravado no estúdio Luperan, em São Pedro da Serra, região serrana do Rio de Janeiro, Posada e Garcia construíram uma atmosfera atemporal que deixa a poética do cantautor aflorar. O repertório de oito faixas inclui composições próprias e parcerias que revelam a diversidade do projeto. Entre elas estão "Desata - Festa no Céu", "Quando Eu Sonho", "Pra Não Comer Sugestã", "Nunca", "Tudo Gira" e a faixa-título "Vamossive".

O álbum também presta tributo a outros compositores da novíssima MPB. "Balanceiro" é uma criação da potente artista Juliana Linhares, enquanto "Maquinista" celebra a criatividade de Ronaldo Silva. Escolhas que demonstram o olhar generoso de Posada para com seus pares.

A força de "Vamossive" reside também na qualidade dos músicos arregimentados para dar a liga do álbum: Guto Wirtti, Zé Marcos, Federico Puppi, Manassés Maucher, Mathias Marfot, Daniel Zanotelli, Alex Merlino, Ernesto Díaz, Rodrigo Toscano, Jander Ribeiro, Jhasmyna, Oliver Guimarães, Walter Villaza, Thays Sodré, Martha Taruma, Yassue Kimura, Jefferson Gonçalves, Isac Hotz, Pedro Ravi, Cláudio Rodrix e Durval Pereira. Um time que entrega diferentes linguagens musicais em arranjos cuidadosos que sempre valorizam a poética do artista e sua interpretação personalíssima de trovador.

Com "Vamossive", Posada confirma sua capacidade de se reciclar de forma contínua.

CRÍTICA DISCO | MOACYR LUZ E O SAMBA DO TRABALHADOR

POR AQUILES RIQUE REIS*

Assim como Noel Rosa, Moacyr Luz é predecessor do samba. Como o gênio de Vila Isabel, Moa também passou por perrengues em sua vida, mas tanto um como o outro criaram uma obra que nos representa: sambas de quem viu o gênero nascer e correr por suas veias, fazendo dele a gênese de épocas das quais Noel e Moa Luz são eméritos precursores. Assim como Pelé e Zico, que também vieram antes do futebol, Rosa e Luz são unanimidades: ambos são guardiões do samba, o gênero que representa a todos nós. Mas agora vamos ao CD "Moacyr Luz e o Samba do Trabalhador - 20 anos" (Biscoito Fino). Ao ligar seu nome ao samba e aos trabalhadores, Moa deu um zilhão de passos à frente, no sentido de criar um triunvirato de poder inofismável. E só quem já esteve na roda de samba, lá no Clube Renascença, no Andaraí, pode aquilatar o que rola por lá.

Sobre o Samba do Trabalhador, um breve relato: logo no dia seguinte à eleição do Lula, fui ao Rena com Paulinho Pauleira, meu companheiro de MPB4, e Sica, sua mulher. A energia que rolou por lá foi coisa doutro mundo: uma multidão, uníssona, saudando a democracia!

"Moacyr Luz e o Samba do Trabalhador - 20 anos" não é um álbum qualquer, é o documento histórico de um momento de mudança. Mas, quando se trata de sacar mudanças, Moa Luz abraça o samba, coisa que faz com tamanha grandeza e amor que só resta reverenciar o trabalho desse carioca que cria, canta e toca



sem respeitar obstáculos à sua saúde. Ouça o álbum em <https://11nk.de/v/8hPF1>.

O álbum tem novas parcerias de Moa com Dunga, Pedro Luís e Xande de Pilares, além de seus

clássicos interpretados por integrantes da roda, tais como Mingo Silva, em "Vila Isabel" (Moa e Martinho da Vila); Gabriel Cavalcante, em "Tudo o Que Vivi" (Moa e Wilson das Neves) e Alexandre Marmita, em "Cachaça, Árvore e Bandeira" (Moa e Aldir Blanc).

Moacyr Luz e o Samba do Trabalhador - 20 anos conta ainda com composições inéditas dos próprios integrantes do Samba do Trabalhador, como "Vai Clarear", de Moacyr Luz, Mingo Silva, Nego Álvaro e Alexandre Marmita, cuja letra fala do momento atual da saúde de Moa Luz; "Caboclo Para-Raios",

de Mingo e Anderson Baiaco), cantada por Mingo; "Roda de Partido", de Gabriel Cavalcante e Roberto Didio), por Gabriel Cavalcante; e "Vou Tentando", de Moa e Alexandre Marmita, por Marmita. Mais os convidados Marina Íris, Joyce Moreno e Pedro Luís, felizardos que são por participarem de um trabalho tão rico.

De fato, "Moacyr Luz e o Samba do Trabalhador - 20 anos" não é um álbum qualquer, e sim, é o momento em que Moa busca o prumo, protegido por seus orixás.

Ficha técnica

Produção musical e arranjos: Leandro Pereira; diretor artístico: Gabriel Cavalcante; direção de produção executiva: Jacqueline Martins; engenheiro de som e técnico de mixagem: Wiliam Luna; masterização: Arthur Luna; assistentes de mixagem: Enzo Menegazzi e Raphael Castro.

*Vocalista do MPB4 e escritor



Grandes nomes

da MPB interpretam frevos da novíssima geração

Lenine, Almério, Juliana Linhares, Jorge Du Peixe, Siba e Flaira Ferro, entre outros, estão no álbum de inéditas ‘Frevo Macuca’

AFFONSO NUNES

Grandes nomes da MPB estão reunidos numa celebração ao frevo-canção no álbum “Frevo Macuca”, já nas plataformas digitais. O projeto foi idealizado e dirigido por Rudá Rocha, conselheiro de arte e cultura do Boi da Macuca (reconhecida entidade da cultura pernambucana), com direção e produção musical do maestro e pesquisador Henrique Albino, que assina todos os arranjos.

Com doze faixas inéditas, o álbum conta com participações



Henrique Albino assina todos os arranjos e a direção musical deste trabalho que apresenta novos frevos com a roupagem sonora característica do gênero

de Lenine, Juliana Linhares, Jorge Du Peixe, Almério, Siba, Flaira Ferro, Buhr, Isaac, Juba Valen-

ça, Zé Manoel, Surama Ramos, Mãe Beth de Oxum, Tiné, Urêa, Jéssica Caitano, Isadora Melo e

Silvério Pessoa, interpretando frevos compostos especialmente para o projeto por Henrique Albino, Rudá Rocha, PC Silva, Flaira Ferro, Mavi Pugliese, Tiné, Chinaina, Zé Manoel, Mãe Beth de Oxum, Isadora Melo, José

Demóstenes, Jéssica Caitano e Emerson Araújo. Cada faixa é um encontro singular entre o toque das ruas de Olinda e a poesia contemporânea desses novos letristas.

Os arranjos de Albino - apontado como um dos principais nomes da nova geração do frevo e da música instrumental - remetem à sonoridade clássica das orquestras de frevo de rua, exclusivamente com sopros e percussões, sem instrumentos harmônicos.

A formação de músicos conta com Albino (saxofones), Rudá Rocha (surdo, zabumba e triângulo), Fabinho Costa e Jorge Neto (trompetes), Thomas Barros e Neris Rodrigues (trombones), Alex Santana (tuba), André Ragall (caixa clara), Gilú Amaral e Mamão do Pandeiro (pandeiro). O coral reúne Sue Ramos, Surama Ramos, Henrique Albino e Ricardo Pessoa.

Gravado nos estúdios Caranca e Música Tronxa com incentivo da Funcultura, o projeto inclui um e-book gratuito com partituras que será distribuído aos maestros das principais orquestras de rua, dando mais visibilidade a esse gênero 100% pernambucano e 100% relevante na cultura brasileira.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Reggae em dueto

Iza acaba de lançar a faixa “Eu e Você”, em parceria com Jotapê. A canção integra a nova fase reggae da artista e traz composição de Mallu Magalhães e Marcelo Camelo, que também assina a produção musical e tocou todos os instrumentos. A cantora cogitou gravar a faixa sozinha, mas mudou de ideia. “No estúdio o nome do Jotapê me veio no coração e arrisquei mandar mensagem convidando para cantar comigo. Gosto demais da voz dele, do estilo e tinha certeza que a música ficaria mais especial ainda com a participação dele”, conta ela.



Músico em modo solo

Conhecido por seu trabalho com Pitty há mais de 20 anos, o guitarrista Martin Mendonça lançou o single “Juntos”, primeira faixa do álbum solo “Mundo de Nós Dois”. “A música é sobre a celebração do coletivo, sobre construir esse mundo de ‘nós dois’ e ser feliz com ele”, explica o artista. “Uma hora eu descobri que eu estava triste, e a força do coletivo me trouxe completude”, completa o músico. Iniciado em 2019, o trabalho é inspirado nas mudanças vividas pelo guitarrista ao longo desse período.



Amor pela canção

A cantora e compositora Amanda Mendonça relança “Casa de Memórias”, faixa que aborda relações afetivas e a permanência das lembranças. Natural de Maceió, a artista iniciou seus estudos musicais em 2015, após experiências no teatro e musicais. Sua obra mescla MPB com influências diversas, transformando vivências pessoais em narrativas musicais. “Cantar e compor é vida, é uma necessidade. A cada olhar, a cada um que se identifica comigo, sinto que posso estar fazendo a diferença de alguma forma”, afirma a artista.

Marlene Almeida e a alquimia da terra

Fotos/Divulgação



Pioneira no uso de pigmentos naturais desde os anos 1970, artista paraibana apresenta obras que transformam solo brasileiro em paisagens cromáticas



Nas obras de Marlene Almeida, os elementos orgânicos se transformam em pigmento, gerando uma paleta incomum

Quando Marlene Almeida começou a transformar fragmentos do solo em tinta para suas telas, nos anos 1970, a reação era de desinteresse. As pessoas buscavam materiais industriais, refinados, com nomes sofisticados. A artista plástica se via solitária em sua experimentação com pigmentos minerais extraídos diretamente da terra. Meio século depois, em plena emergência climática, a questão ambiental domina o debate político, e também as principais exposições de arte do país.

A exposição “Veios da Terra”, em cartaz na galeria Flexa, no Leblon, reúne trabalhos que materializam essa trajetória pioneira. Com curadoria de Luisa Duarte e Daniela Avellar, a mostra apresenta pinturas em que o solo brasileiro é a única matéria-prima. Em “Aguda como Serra III”, pigmentos minerais criam o que parece ser uma formação rochosa. Já “História da Terra” com-

bina seis telas numa grande pintura que sugere uma superfície planetária, com pinceladas de tons terrosos lembrando erupções vulcânicas. A diversidade cromática surpreende quem imagina que trabalhar com terra significa limitar-se ao marrom. “Veredas V” combina verde, laranja e bege para formar uma imagem que se assemelha aos afluentes de um rio.

A artista explica que foi descobrindo aos poucos as possibilidades. “No meu ateliê, há obras com uma quantidade imensa de cores. Há muitas possibilidades de

trabalhar com a terra”, disse em entrevista recente à Folha de S. Paulo. A relação com o solo vem da infância, quando recolhia pedras e argila para guardar em casa. Iniciou a carreira com obras figurativas e ferramentas tradicionais, mas nos anos

1970 intensificou o trabalho com materiais naturais, prática que se consolidou na década seguinte. “Eu sou uma artista muito feliz por trabalhar com a terra, que entrou na minha vida devagarzinho e, aos poucos, foi ganhando espaço”, afirma.

Para produzir os pigmentos, coleta fragmentos do solo de diferentes regiões do país. O material que sobra após concluir os trabalhos não é descartado. Em cinco décadas, formou em sua casa, em João Pessoa, o que chama de Museu das Terras Brasileiras, um inventário

com amostras de diferentes solos. “Eu sou a guardiã dessa coleção, mas ela não é apenas minha. Por isso, deve ser vista por outros olhos”, diz a artista.

Paralelamente à atuação artística, desenvolveu militância ambiental que originou a Associação Paraibana dos Amigos da Natureza, primeira entidade do tipo no estado. O ativismo, porém, não se confundiu com a obra. No início da carreira, a questão política aparecia nas telas de forma quase literal, mas a artista mudou de postura. “Aos poucos, eu fui sentindo que eu não precisava fazer aquilo. Tenho observado que mostrar somente a terra pode emocionar mais as pessoas do que uma pintura panfletária.”

SERVIÇO

VEIOS DA TERRA

Galeria Flexa (Rua Dias Ferreira, 214, Leblon)
Até 15/1, de segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 12h às 17h | Entrada gratuita